

Mercados não darão

le

1/2/87, DOMINGO • 19

mais as embalagens

Antônio Marcelino

A exemplo do Minibox e Superbox, outros supermercados da cidade podem começar a não fornecer as embalagens para compras. A hipótese é admitida pelo vice-presidente da ASBRA — Associação de Supermercados de Brasília — Edson Mendonça, que argumenta que os supermercados não podem arcar com os altos custos das embalagens.

Conforme o vice-presidente da ASBRA, as medidas iniciais para conter os gastos dizem respeito à cobrança de embalagens ao consumidor. O consumidor deve pagar o equivalente aos custos operacionais de 2% da venda bruta do supermercado. Além disso, os supermercados já estão utilizando embalagens com material de qualidade inferior aos antigos sacos de papel grosso. O papel, que hoje está em falta e mais caro devido à alta da celulose, está sendo substituído pelos sacos finos de plástico à base de polietileno.

No entanto, Edson Mendonça reconhece a existência de «uma tendência de que se entenda a medida de não fornecimento de embalagens por outros supermercados». Ele alega a «indisciplina e o desperdício do consumidor, que não sabe utilizar as embalagens. «Muitos colocam um pote

de manteiga num saco enorme e outros levam várias unidades para casa, para serem usados como sacos de lixo», observou Mendonça.

Mini e Superbox

Nos Minibox e Superbox a cena já é comum, mas, mesmo assim, os consumidores não consideram a medida justa. O não fornecimento de embalagens no Minibox da 706/707 Norte faz com que todos os clientes cheguem munidos de sacolas, sacos e caixas de papelão. Antonino Rocha, funcionário público, acha a atitude «uma manobra para aumentar os lucros destes supermercados, pois a embalagem não está em falta».

A saída do Minibox, os consumidores surgem com o carrinho de compras lotado de latas e pacotes de alimentos que são despejados nos portamalas dos carros. Quem tem carro está em boa situação, apesar de reclamar da desproteção dos alimentos e outros produtos. Mas a situação é pior para os que têm de levar os produtos nas mãos. Está é o caso de Anita Santos, que teve de trazer de casa uma caixa de papelão, já que o supermercado deixa bem claro em uma placa: «Amigo cliente, não esvazie caixas para utilizá-las como embalagem».

Asbra teme o realinhamento

O realinhamento dos preços de alguns produtos pode não ser suficiente para a regularização do mercado. De acordo com o vice-presidente da Asbra — Associação de Supermercados de Brasília, Edson Mendonça, alguns tipos de produtos do grupo dos que contêm açúcar, recentemente contemplados com um aumento, podem deixar de ser adquiridos pelos supermercados.

Desta vez, os produtos como chocolate, balas, coberturas e outros doces sairão das prateleiras, mas não em função do boicote das indústrias. Apesar do aumento repassado, Mendonça diz que o comércio varejista está convivendo com prejuízos e por isso estes produtos podem sair das prateleiras. Enquanto o custo operacional destes produtos é da ordem de 14 a 16%, os lucros ficam em torno de 12%, acrescenta.

O baixo retorno ao comércio varejista se deve à pequena margem de comercialização destes produtos. Os doces fazem parte do grupo de produtos de baixa rotatividade — longa permanência nas prateleiras — o que implica num

alto custo de estocagem. Segundo Mendonça, o abastecimento destes produtos pode permanecer ainda bastante problemático.

Laticínios

Já os produtos derivados do leite, que foram realinhados recentemente, estão voltando aos supermercados e, conforme os donos de supermercados, devem se regularizar. Nas Casas da Banha, do Venâncio 2000, diversos tipos de queijos estão à venda, desde o frescal até o muzzarela. Os iogurtes e manteigas também não estavam em falta.

Os derivados do leite e os produtos do grupo que contêm açúcar abrangem, no entanto, aproximadamente 30% da composição de estoque dos supermercados, que não vendem eletrodomésticos. Com isso, persiste o problema da necessidade de reajuste dos preços de cerca de 70% dos produtos de supermercados. Estes, conforme Edson Mendonça, ainda vivem em situação difícil e continuarão desaparecidos, até o realinhamento de seus preços.